

Depois *do* *sonho*

André Galvão

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento especial a Rita Queiroz, Moisés Alves e Ricardo Henrique Andrade, que com sua privilegiada sensibilidade presentearam este livro com belos e generosos textos.

Agradeço também a Edson Oliveira, Eliana Mara Chiossi, Adolfo Rego, Miguel Silva, Eliane Peixoto, Breno Orrico e José Inácio Vieira de Melo pela amizade, apoio e parceria.

Agradeço sempre a minha mãe, Conceição, e a minha esposa, Deise, por serem o esteio das minhas realizações e da minha vida.

In memoriam: Meu pai, Solon Galvão.

A cidade

A cidade por detrás desta janela
esgueira dentro da noite
e se transforma por entre as luzes
que os postes arremessam ao chão

a cidade acolhe e abriga
bons e maus combates
enquanto a vida escorre
por entre os dedos do tempo

a cidade esnoba sua alma vertical
escolhendo novos caminhos
em ruas labirínticas
recobertas de sonhos e medos

empurrando as pessoas
contra si mesmas
num espetáculo atônito
de desencantos e barulhos

a cidade não adormece
mas fecha seus olhos
aos crimes de ódio ou ambição
que permeiam todo tipo de lar.

A violência nossa de cada dia

A violência habita a cidade,
mas não apenas emana
das ruas, veículos e sons

Percorre olhares e gestos,
penetra nas desilusões e negações,
na raiva insana que brota do nada

Cristaliza-se no constante descaso
diante da fome e sede inocente
dos animais esquecidos nas sarjetas

Avoluma os medos, desgasta os sonhos
em meio aos tiros, transe e tombos
que cruzam nosso silêncio covarde

Somos o motor insano de sua verve
enquanto torpes conveniências cegam
nossos olhos aos que sofrem diariamente

A violência habita a cidade
numa simbiose cínica e crescente
e se alimenta de nossa omissão.

Enxurrada

A chuva lava a cidade,
encharca suas veias
e leva de torrente
a sujeira deixada pra trás

Mas a água que limpa
é também a que molha
e inunda de angústia e frio
quem vive nas ruas

E nem a tempestade
é capaz de irrigar o coração
de quem tem teto e calor

Não basta a chuva
Não basta a pena
Quando falta humanidade.

Lenda urbana

A cidade inscreve em nós
o seu irônico epitáfio:
tiros, muros, asfalto

O que criamos sem medo
se volta contra nós
embebido em pavor

E a cidade, senhora das ruas,
molda com sangue
a sombra fria das almas

Enquanto o silêncio
habita furtivamente
os gélidos esgotos ao léu

A cidade, absorta, ainda vive.
E nós?

Meditação

(Para Mailson Furtado)

Cada esquina é um latifúndio
de vidas entrecruzadas ao acaso

Nada escapa à aleatória
combinação de encontros

A cidade, falsamente alheia,
regurgita nossos futuros

No frenético mapa de suas ruas
validamos os ciclos que se fecham

E estamos sempre a esperar
que o sinal não feche diante de nós

Enquanto o tempo, arisco, se esvai
na poeira que corta as avenidas.

O trôpego

Dentro dos seus trapos,
cambaleante e ignorado,
passeia o trôpego
por entre as avenidas

Mas o trôpego não liga,
seu mundo é enorme,
diversão rara e rasa,
fantasia em latas de lixo

E passam os carros,
cães desterrados
compartilham do abandono
e lambem suas feridas

Mas o trôpego não liga,
nem entende que ninguém liga,
e ainda assim
se arrisca a sonhar

Sua morada é a rua,
lar sem teto
por onde o frio
congela seu destino

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em ITC New Baskerville
Std pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em junho de 2020.
